

DHYAN SHANASA

Reflexões da dupla vida de
Tomé Carvalho

Goiânia - 2012

Não há necessidade de dedicatórias, quando o livro se auto-dedica...

Capa, revisão e diagramação
Dhyan Shanasa

Para mais informações sobre o autor acesse:
www.dhyanshanasa.blogspot.com

Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar boas ideias em realidade e trazê-las até você.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expresse consentimento dos editores.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

Sumário

Nota ao leitor

1. *Em que lhes falo sobre o começo*
2. *Origem pagã, descendente ordinário*
3. *Acerca de nomes e cabelos*
4. *Três famílias, dois pais e uma mãe*
5. *A pergunta sem resposta*
6. *Salto temporal*
7. *Abençoados sejam Monteiro Lobato e Bach*
8. *A Visão*
9. *Ai de mim!*
10. *Continuação da Visão*
11. *Fim da Visão*
12. *Descontentamento do leitor*
13. *Quem se aborrece acha mais quem se aborreça*
14. *Em que se entrevê um diálogo*
15. *O Clemente*
16. *Severino e as mulheres*
17. *Iniciação*
18. *A educação do Clemente*
19. *Alerta para o futuro*
20. *Em memória de Mateus*
21. *Convite a refletir e contestar*
22. *Outros amigos que não o Clemente*
23. *Respiro entre capítulos*
24. *Continuação dos outros amigos*
25. *Primeiro capítulo romântico*
26. *A ironia que desfez o equívoco*
27. *Sono do autor*
28. *Post somnu*
29. *Relance de olhos no enigma da face*
30. *Shiva*

31. *De Tomé a Mahadeva em um parágrafo*
32. *Conflito*
33. *A resolução*
34. *O velho*
35. *O ashram*
36. *Para ser mito basta estar vivo*
37. *Au revoir!*
38. *A ameaça*
39. *O lamento de Tomé*
40. *Réplica ao lamento de Tomé*
41. *Tréplica a réplica do lamento de Tomé*
42. *Em que deixamos isso de lado por um bem maior*
43. *Diálogo com o Ignoto*
44. *Capítulo de rodapé*
45. *Quando as palavras alcançam o Etéreo*
46. *Quando o Etéreo torna-se donzela*
47. *Ponderações de fim de livro*

Nota ao leitor

Em tempo, é preciso alertar os leitores que, por ingenuidade ou audácia, abriram estas páginas antigas e já esquecidas nas Memórias do Mundo. Não é praxe falar-lhes francamente como faço agora, mas que se dane. Este livro não é de praxe, não é sequer livro; antes um compêndio de casos que obra; uma enciclopédia sobre eu mesmo, por assim dizer, ou sobre nós, já que sou dois que desconfiam ser multidão.

Não somos corajosos como Dante ao caminhar os Círculos do Inferno e relatar o ocorrido aos da época, tampouco possuímos o atrevimento do Brás Cubas que morreu e ousou falar aos vivos; não há em nós a ferocidade do mito de Beren que, intrépido, socou as portas do Escuro e trouxe consigo a Joia mesmo deixando uma mão como paga, tal como não vergamos nos ombros a potência do espírito de Gilliat, o Marinheiro; não reescrevemos nosso destino como o fez Tunes, ou sequer desafiemos gigantes imaginários tal qual Dom Quixote. Não, prezado leitor, você – se nos permite a intimidade –, você que nos acompanha merece desde já a verdade sobre o que lerão.

E esta é a verdade: somos vivos; estamos vivos e respiramos tal como todo ser dito vivente. Contudo, vivi duas vidas em uma, ou uma vida em duas, conforme o que preferir pressupor, e resolvi relatar estes fatos sem motivo aparente.

Lá no fundo, todavia, sei de mim e de nós, e que a razão para estes relatos é a severa vontade de que se investigue logo após; pois quem sabe? Talvez não seja eu o único a ser dois, e talvez você, caro leitor, seja tanto menos singular do que plural...

Tomé Carvalho

I

Em que lhes falo sobre o começo

Nasci

Era manhã de 18 de setembro de 1984. Manhã bucólica, dia comum; parto matutino, destino grandioso, é o que dizem.

Nasci como todos nascem, sem grandes méritos de minha parte a não ser chorar e espernear o quanto podia, cuja intenção - sabe-se -, é provar que estamos vivos, apesar de, pessoalmente, ver mais contestação do que prova. Minha mãe diz que tinha muito cabelo e que, desde sempre, fui bonito e charmoso, e apesar de contestar esta afirmação cega e natural de toda mãe, em partes concordo. É fato verossímil que possuo cabelo em demasia.

Em mim nada era exímio ou estupendo como o é em Homero, onde as crianças já nasciam destinadas a ser mito. Fui estupidamente comum em minha infância, sem auréolas na cabeça ou visitas santas ao quarto; e hoje percebo que isso é que me permitiu... Mas ora! Quase coloquei o carro à frente dos bois! Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Sigamos o fio do princípio, este tênue facho luminescente que nos ata ao Íntimo por toda vida e, contudo, nos é percebido somente no fim.

II

Origem pagã, descendente ordinário

Filho de bruxa e monge, eis o que somos. E digo somos, pois o leitor atento deve recordar-se em nota digníssima destinada a ele, que aquele que lhes escreve em verdade são dois e por tal haverá no texto variações linguísticas – para não dizer íntimas -, onde ora ver-se-á um eu no singular, ora constará dois de mim no plural.

Como apontado acima, nasci de uma bruxa que, inadvertida, caiu nas graças de um monge. A bruxa – minha mãe -, só tornou-se bruxa na boca do populacho, já o pai tornou-se monge quando deixou de ser santo. Dessa união pagã nasceram três filhos, dos quais fui o terceiro e último, tendo minha mãe sido aconselhada severamente pelo médico a amarrar suas tubas uterinas para não ter mais encrenca.

Meus irmãos foram e são figuras curiosas. Desde cedo agiram como a cartilha manda, tendo aquela obstinação por ser chato de todo familiar próximo. O mais velho, cujo nome é Severino – lisonjeira homenagem a família baiana de nosso pai -, possuía um espírito autônomo e batalhador, cabeça abastada e senso de humor nulo. Quando menino fizera de tudo um pouco para ganhar dinheiro; não tendo em vista ajudar nossa mãe, como o fazem os exemplares meninos do sertão, e sim por deleite próprio, incompatível com a idade, mas perfeitamente cabível em se tratando de nossa raça singular. Isso ele carregou por toda vida, junto d’outras coisas que veremos mais à frente. Mateus, o filho do meio, nascera chorando e continuou em prantos por tempo indefinido. A família, como bom agente observador, concluiu que o guri era birrento. Entretanto, em insistência ao choro, levaram-lhe a um observador mais astuto que farejou-lhe uma hérnia de umbigo. Tirada a hérnia, extinguiu-se o choro, mas as reminiscências da dor persistiram, invariavelmente, em sua personalidade obtusa e obscura, deixando-o fechado como sarcófago de faraó. Ambos, contudo, eram e continuam boa gente até dado ponto, como todos o são.

Já eu fui menino louro e sorridente, que preferia brincar sozinho no tanque com água ou na cama com bonecos de guerra à correr no sol. Suave e um tanto andrógono, cheguei ao ponto de ser confundido com menina por professoras, feito este que me fez cortar o cabelo – longo e claro até então. Sempre fui assombrado por devaneios fantásticos, e isso levava-me a ficar só, profundamente amalgamado a imaginação que me derramava pelos olhos castanhos.

Em suma, para que a ópera não se alongue mais do que a partitura, fui uma criança trivial e, não fosse a criação

embruxada de minha mãe, o seria até hoje. E se o leitor sentiu-se de alguma forma identificado conosco, saiba que é normal, pois é comum identificar-se com o banal.

III

Acerca de nomes e cabelos

Sejamos justos: aquele que não for curioso por detalhes, mesmo que sejam tolices, tem nossa palavra de que, pulando o presente capítulo, não perderá nada que seja pertinente ao contexto geral da pretensa obra. Pois ocorreu-me que o leitor – ou leitora, caso seja dama -, perguntar-se-á: e esse seu nome? Uma pergunta oportuna, tendo em conta nossa origem nada cristã e que respondermos a seguir.

Primeiramente, a única semelhança que há entre eu e o discípulo do Cristo é a estrutura corporal e, quem sabe, a altura. Ademais, creio ser pouco provável uma homenagem proposital a São Tomé vinda da parte de minha mãe; apenas acidente linguístico. Contudo, esse não foi o primeiro nome escolhido; inicialmente minha mãe sofria de um terrível ímpeto materno que acomete todas as mães. Essa força, por assim dizer, impele-as a balbuciar qualquer junção de palavras, na tentativa ousada de nos dar signo ao qual, de acordo com Ferdinand de Saussure, nos conceitua por força de repetição. Assim nasce o filho, o nome e a ideia do que o filho é, intimamente ligada ao signo.

Mas, examinando friamente, não percebo como poderia a vir me chamar Lírio do Vale. Sim, o leitor não leu errado. A primeira menção de nome que possuí foi Lírio do Vale. Gostosamente aceito entre pai e mãe, o nome foi contestado por minha avó – santa, diga-se de passagem -, que salvou-me o pescoço. Assim vi-me Tomé. E quando adquiri consciência sobre como me chamavam, soube que havia Carvalho como sobre nome.

Este, por sua vez, é mais enigmático. Diz-se que tem como origem Coimbra dos tempos do Rei Afonso Henriques, mas por ser minha mãe índia e o pai de família árabe, é-me